

“EU, VOCÊ E O SMARTPHONE, ATÉ QUE O PHUBBING NOS SEPARE”: UM ESTUDO SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO USO (EXCESSIVO) DO SMARTPHONE ENTRE CASAIS

KATIANE ROSSI HASELEIN KNOLL

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

katiane.knoll@iffarroupilha.edu.br

KATHIANE BENEDETTI CORSO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

kathi.corso@gmail.com

PAULO VANDERLEI CASSANEGO JUNIOR

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

paulojr@unipampa.edu.br

“EU, VOCÊ E O SMARTPHONE, ATÉ QUE O PHUBBING NOS SEPRE”: UM ESTUDO SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO USO (EXCESSIVO) DO SMARTPHONE ENTRE CASAIS

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX a influência da ciência na sociedade modificou os processos industriais, bem como, a inclusão das novas tecnologias como a Internet, aparelhos móveis e os jogos eletrônicos vêm moldando a forma de interação humana. Com o avanço da internet, novos termos surgiram como educação online, comércio eletrônico, redes sociais virtuais, entre outros. Nesse sentido, os modernos telefones móveis, chamados *smartphones* (telefones inteligentes), conquistam cada vez mais o mercado de vendas, pois, possuem diversas funcionalidades que podem ser encontradas em diferentes aparelhos, como *tablets*, *notebooks*, vídeos games, celulares e computadores. A proliferação acelerada da utilização desses dispositivos móveis facilitou ainda mais, a troca de informações, comunicações e interações em rede. Com o *smartphone* é possível conectar a internet, acessar as redes sociais virtuais, jogar, fazer compras online, estudar, ler, realizar transações bancárias, escrever mensagens de textos, tirar fotos, verificar correios eletrônicos, fazer ligações, baixar diversos aplicativos, como bate-papos e músicas, e muitas outras funções. Conforme Borges e Joia (2013), o crescimento da penetração dos *smartphones* demonstra a importância da tecnologia como forma de tradução da ideia de pertencimento do homem contemporâneo.

Os *smartphones* ganharam um lugar especial na vida de seus consumidores, fazendo parte de suas rotinas diárias, pois são aparelhos pequenos, que muitas vezes cabem na palma da mão e dispõe de vários recursos, conquistando desde o público infantil até o público idoso (CERON et. al., 2017).

De acordo com dados do IDC (2016), o mercado de *smartphones* no mundo cresceu 0,7% ano a ano. No Brasil isso não é diferente só entre os meses de abril e junho de 2016, foram comercializados 12.044 milhões de aparelhos, sendo 10.779 *smartphones* e 1.265 *feature phones* (aparelhos convencionais, sem sistema operacional). O crescimento do mercado total foi de 23,1% frente ao primeiro trimestre de 2016. Comparando apenas os *smartphones*, o aumento foi de 16,6%. A IDC demonstra que somente em três meses de 2016, o mercado de *smartphones* movimentou R\$11,4 bilhões de reais, e que os fabricantes que até 2015 tinham pouca expressão no mercado brasileiro começaram a investir em produtos mais avançados e estão ganhando cada vez mais espaço nesse mercado de vendas. Nesse ano a IDC Brasil (2017) prevê ainda o crescimento de 3,5% em unidades de *smartphones* em comparação ao volume do ano de 2016. Segundo um estudo da Fundação Getúlio Vargas, Capelas (2017) aponta que até o fim do ano o Brasil terá um *smartphone* por habitante e até outubro a base instalada de *smartphones* no País será de 208 milhões de aparelhos. Com isso, a expectativa é de que nos próximos dois anos, o País tenha 236 milhões de aparelhos desse tipo nas mãos dos consumidores, um crescimento de 19% em relação ao momento atual.

Outra pesquisa realizada pelo Ibope (2013) “apontou que cerca de um terço dos paulistas (33%) acessam o *smartphone* assim que acordam e outros 27% o usam até no banheiro”. Gandra (2017) relata que em uma pesquisa nacional sobre os hábitos de utilização da internet no Brasil, feita pela Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ) e Instituto Ipsos, mostra que o *smartphone* se consolidou como principal meio para acessar a internet no país, utilizado por 69% dos internautas em 2016. A Folha de São Paulo (2016) projeta que em 2018 a quantidade desses dispositivos conectados a internet será de dois por habitantes, alcançando 416 milhões de aparelhos.

Este cenário demonstra que estamos utilizando cada vez mais a tecnologia móvel, em especial o *smartphone*. Já existem muitas reportagens na Web ou pesquisas que comprovam os benefícios desses recursos (JOHNSON, 2013; HERRINGTON, 2009; DIAGN, 2012;

BOULOS, 2011). Alguns estudos apontam mudanças que implicam e trazem consequências no comportamento individual por utilizar dessa tecnologia, como as pesquisas de Lee (2013), Campenella et al. (2015), Choi et al. (2015), Kim et. al. (2015), Haug et. al. (2015) e Skarupová; Oláfsson; Blinka (2015). Abreu et. al. (2008) defendem que diversos estudos atestam as vantagens em utilizar da tecnologia móvel, mas seu uso sadio e adaptativo, progressivamente, deu lugar ao abuso e à falta de controle ao criar severos impactos na vida cotidiana de milhões de usuários. Em 2012 nos EUA foi realizado um estudo pela tecnológica *Lookout* que mostrou que 58% dos proprietários de um *smartphone* não ficam nem uma hora sem dar uma espiada no telefone, e 73% admitiram sentir pânico diante da ideia de não saber onde está seu aparelho. Essa ansiedade foi chamada de “nomofobia” (GAZETA DO POVO, 2014).

Nos relacionamentos afetivos, por exemplo, é muito interessante para o casal trocar mensagens via *whatsapp*, compartilhar seus momentos no *Facebook*, tirar *selfies*, ou seja, compartilhar da tecnologia, mas e quando o uso dessa tecnologia se torna uma “dependência”, onde começa roubar o espaço e o tempo do casal de estarem juntos em conversas, interações e até mesmo discussões de questões cotidianas, onde fica inserido o uso desse aparelho? Ou seria, onde fica o companheiro(a) inserido(a) na vida da pessoa que possui o *smartphone*? O parceiro (a) se torna ignorado e isso pode começar a influenciar a relação. Essa pratica já possui um nome definido como *Partner Phubbing*.

Partner Phubbing (Pphubbing), pode ser compreendido como o grau em que um indivíduo usa ou é distraído por seu telefone celular enquanto estiver na companhia de seu / sua parceiro (a) de relacionamento (BUSSEL, 2015). Além disso, ao ficar junto com o *smartphone* alguns indivíduos podem sofrer a falta de controle e impactos na vida cotidiana, e um desses impactos pode ser o ato de ignorar amigos ou danificar o relacionamento com o parceiro romântico, podendo levar a depressão e baixos índices de satisfação com a vida em geral. Esse ato de “ignorar” as pessoas para a utilização do telefone chama-se nos Estados Unidos de ato de *phubbing*, ou telefone *snubbing*.

Isso pode nos fazer pensar nas falhas no entendimento da tecnologia, que trouxe uma revolução de valores morais e sociais. Um estudo realizado por Roberts; David (2014), concluiu que o uso do *smartphone* pode lesar relacionamentos. Esse estudo foi difundido em muitos sites da Web. Brazier (2015) ao explicar essa pesquisa, relata que a mesma foi publicada na revista *Computers in Human Behavior*, e que os autores expressaram surpresa que algo tão pequeno como o *smartphone* pode minar os relacionamentos e a felicidade pessoal. Segundo relatos do autor da pesquisa Sr Roberts, ao site *Medical News Today* (2015, p. 1) “quando você pensa sobre os resultados, eles são surpreendentes, algo tão comum como o uso de celulares pode estragar os alicerces da nossa felicidade, como o relacionamento com nossos parceiros românticos”.

Com base em algumas experiências vividas, são muitas questões levantadas que por vezes acontecem na vida conjugal e nem se percebe, pois a dependência do *smartphone* já é tão presente nos relacionamentos românticos contemporâneos, que às vezes não se sabe a hora de parar de acessá-lo. Momentos simples com quem amamos, torna-se alienado ao *smartphone*, pois temos que checá-lo frequentemente, ou seja, há a pratica do *p-phubbing* sem perceber.

Considerando o uso desses dispositivos móveis cada vez mais presentes na vida dos casais brasileiros e após diversas pesquisas de artigos científicos realizados no Brasil, sobre o tema *smartphone* e relacionamentos amorosos, em páginas da Web, como Portal Spell (*Scientif Periodicals Eletrenic Library*), Anpad (Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Administração) e Scielo Brasil (*Scientific Electronic Library Online*), constatou-se que no Brasil não há estudos evidentes sobre o uso do *smartphone* e o impacto que esse

pode causar nos relacionamentos românticos. Com isso, surge a problematização da pesquisa: quais os efeitos do *Partner Phubbing* no relacionamento Romântico?

O estudo busca oferecer uma visão sobre o processo pelo qual tal prática pode influenciar a satisfação do relacionamento e bem-estar pessoal de seus usuários, tendo como objetivo geral: verificar de que maneira o uso do *smartphone* próximo ao companheiro(a) pode influenciar negativamente no relacionamento romântico. Para se chegar ao proposto, pretende-se: (a) identificar o perfil dos casais quanto às práticas do uso do *smartphone* na presença do companheiro; (b) investigar se ocorre a dependência em relação ao aparelho, e; (c) analisar quais os efeitos gerados pelo ato de *partner phubbing* no relacionamento afetivo.

No Brasil o estudo pode vir contribuir para o meio acadêmico, como também, para questões voltadas a comunicação, interação e de relacionamentos de indivíduos. Tentar demonstrar até que ponto as novas tecnologias podem interferir em nosso comportamento, seja individual, conjugal ou coletivamente, torna-se essencial no mundo contemporâneo, no qual estamos tão conectados tecnologicamente, e tão desconectados fisicamente.

Azevedo; Nascimento; Souza (2014) defendem que é evidente que novas tecnologias e suas aplicações possibilitam novos arranjos sociais e psíquicos, mudando paulatinamente o comportamento individual e coletivo. Os mesmos explicam que as novas tecnologias se entranham e se ramificam nas mais variadas concepções, tornando-nos dependentes, fazendo com que seus efeitos sobre o comportamento e a estrutura psíquica do indivíduo, possam gerar o desenvolvimento de patologias.

A pesquisa é estruturada em capítulos no qual se apresenta a introdução, o referencial teórico, que traz assuntos sobre amor, *smartphone* e os relacionamentos, dependência de *smartphone* e *partner phubbing*, metodologia, análise da pesquisa e considerações finais.

2. CONSTRUINDO A BASE PARA A INTERPRETAÇÃO

2.1 DEPENDÊNCIA DE SMARTPHONE

Desde antigamente o homem utilizou formas para se comunicar e transmitir conhecimento entre as pessoas. Para Castells (2005), nosso mundo está em processo de transformação há duas décadas, pois, associa-se à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. Para ele tecnologia não determina a sociedade, mas sim, é a sociedade que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam dessas. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia (CASTELLS, 2005).

Dentro desse contexto a tecnologia móvel, em especial os *smartphones* conquistam públicos de todas as idades, fazendo parte da vida contemporânea e cotidiana dos indivíduos. Dados demonstram que esses dispositivos móveis conquistaram uma grande parte da população mundial. De acordo com a Agência Webnative do Grupo Publicis no Brasil (2013), 61% dos usuários do dispositivo utilizam o aparelho menos de 1 minuto depois de acordarem, 43% mexem no celular enquanto assistem televisão e 70% ficam na cama enquanto usam o aparelho.

Muito atrativo por possuir tantas funções, mobilidade, fácil acesso à internet, os *smartphones* tornam-se um computador pessoal, e assim, um companheiro quase inseparável na vida das pessoas. Picon (2016) relata que os *smartphones* são, sem dúvida, um grande avanço das telecomunicações, o que facilita diversas de nossas atividades diárias e que tem evoluído, com seus aplicativos, para facilitar ainda muitos outros aspectos de nossa vida pós-moderna. No entanto, o mesmo diz que existe a possibilidade das pessoas desenvolverem uma dependência comportamental devido ao seu uso excessivo.

Para Turban e King (2004) hoje, muito se comenta sobre problemas causados pela tecnologia, como a dependência dela, tanto em crianças quanto adolescentes e adultos, no ambiente pessoal e profissional, e um dos temas recorrentes é a dependência do celular”. Quando acontece essa dependência ao uso do celular, por causa da adaptação que se deu de forma inadequada ou ineficiente, podem surgir nos indivíduos diversas patologias de ordem física, comportamental, emocional e até psicossocial.

Conforme Picon (2015, p. 1) “enquanto pensamos sobre como queremos nos relacionar com as novas tecnologias e o papel que elas terão nas nossas vidas, ocupamo-nos também com questionamentos a respeito de um modo extremo dessa relação, conhecido como dependência de tecnologia”. Trata-se de um transtorno caracterizado pela incapacidade de controlar o uso de tecnologia (internet, jogos eletrônicos, *smartphones*) mesmo que esse uso já esteja causando impacto negativo nas principais áreas da vida do indivíduo, relacionamentos interpessoais, saúde física, desempenho acadêmico, desempenho no trabalho (PICON, 2015).

As consequências do uso de *smartphones* para a qualidade das interações sociais entre os indivíduos têm causado preocupação, pois, os telefones celulares podem diminuir a qualidade das relações interpessoais, produzindo um efeito, onde as pessoas são desviadas do face-a-face com as outras (CHOTPITAYASUNONDH e DOUGLAS, 2016). Os autores ainda destacaram em seus estudos que outras pesquisas já relataram que onde os *smartphones* estavam presentes acontecia níveis mais baixos de preocupação e empatia em comparação com aqueles que tinham a ausência de um telefone sobre a mesa, além de encontrarem níveis mais baixos de relação percebida na qualidade, confiança no parceiro e empatia percebida na presença de celulares.

Muitos relatórios recentes da mídia também têm comentado sobre a desconexão não intencional entre as pessoas que ocorre quando as pessoas usam *smartphones* (BARFORD, 2013; KELLY, 2015, MOUNT, 2015). De Aragão (2015), salienta que a dependência da tecnologia ocorre quando as pessoas não administram bem o tempo que utilizam o dispositivo, deixando-se envolver além da conta, sem estabelecer limites, ausentando-se da vida real para mergulhar em outro mundo, o virtual, pois nesse, sentem-se mais motivadas. Quando os *smartphones* se tornam um vício ou uma dependência e prejudica a realização de atividades cotidianas das pessoas, de modo a interferir nas relações sociais e familiares, no trabalho e nos estudos, já é possível classificar essa dependência como um transtorno, com nome de nomofobia (DE ARAGÃO, 2015).

Picon (2015) assevera que os principais sintomas da nomofobia assemelham-se aos de outras dependências comportamentais, tais como abstinência, tolerância e saliência. O autor ainda relata que outro risco bastante significativo associado ao uso dos *smartphones* é o de envolvimento em acidentes, desde quedas até acidentes automobilísticos graves.

Pesquisadores da Universidade de *Stanford* realizaram em 2010, uma pesquisa com 200 alunos que possuíam o *Smartphone Ophone*. Verificaram que o uso do dispositivo poderia ser bastante viciante ao usuário (KWON et. al., 2013a). A partir desse estudo, diversos autores (KWON et. al., 2013a, 2013b; WON-JUN, 2013; DEMIRCI et. al., 2014; MOK et. al., 2014, LIN et. al., 2014; HAUG et. al., 2015) começaram a pesquisar sobre a dependência que o *smartphone* pode trazer aos indivíduos, e com isso, começaram a desenvolver instrumentos ou adaptar os já existentes para mensurar essa síndrome e realizar diagnósticos. Diante das pesquisas, ocorreu o desenvolvimento de vários instrumentos para mensurar essa síndrome e realizar diagnósticos. Um dos instrumentos sobre a dependência de *smartphone* é o de Kwon et. al. (2013) que apresenta um questionário de 33 questões, organizado em 6 fatores, sendo esses: perturbação da vida diária, antecipação positiva, retirada, relação orientada para ciberespaço, uso excessivo e tolerância.

Fortim e De Araújo (2013) dizem que existem consequências negativas causadas pela dependência da tecnologia, sendo relacionadas a prejuízos no trabalho, prejuízos financeiros, descuido consigo mesmo e com dependentes, descuido de relacionamentos familiares, tais como o casamento, relação entre pais e filhos, relacionamentos com amigos que não os virtuais. Os autores relatam que são aumentados sintomas de abstinência, como as alterações do humor, impaciência, inquietude, tristeza, ansiedade, que podem ocorrer agressividade ou irritabilidade, ao não se conseguir a conexão com a internet, por exemplo, ou não estar próximo ao celular. Esses sintomas são em relação a dependência.

Torna-se evidente que a dependência de *smartphone* ainda é uma situação clínica que não foi oficialmente reconhecida por órgãos mundiais de transtornos mentais. No entanto, é fato que essa dependência causa repercussões reais na vida das pessoas (PICON, 2016). Dentro dessas repercussões está o ato de ignorar o parceiro romântico o que pode vir a ser um impacto nos relacionamentos afetivos.

2. 2 AMOR, SMARTPHONE E OS RELACIONAMENTOS

Para Schmitt e Imbelloni (2011), no período da antiguidade as relações afetivas eram submetidas à alegria do objeto do amor, sendo a manutenção da família a base para o estabelecimento de uma sociedade. Com o passar do tempo à noção do amor passou a sofrer a influência da tradição judaico-cristã. Já nos séculos IX e X com o Feudalismo, as relações amorosas eram estabelecidas de forma que repassassem as relações de poder que existia sobre as famílias (SCHMITT e IMBELLONI, 2011). Após esse período, as autoras relatam que surgiu o amor cortês que se baseava nas uniões matrimoniais negociadas, sem a concordância dos noivos, como também explanam que nesse meio tempo, surgia o amor dos cavaleiros onde o objeto de amor era uma dama, e estes faziam de tudo para amar essa mulher.

Mais tarde no século XIX, aparece à relação afetiva romântica com uma marcante característica, a presença da eternidade e fidelidade. Novas formas de relações afetivas pós-segunda guerra mundial, como o homossexualismo, aparecem com tremenda força, no mesmo instante em que as mulheres começaram a reivindicar seus direitos com relação à qualidade de vida, aos seus relacionamentos afetivos, participação no mercado de trabalho e meio profissional e assim, sucessivamente a obtenção da independência financeira. Com essas reivindicações veio à ascensão social pouco a pouco da mulher, e conseqüentemente, a questão do não comprometimento afetivo, a exemplo do casamento, que com isso, passa a ser apenas uma opção (SCHMITT e IMBELLONI, 2011).

Na sociedade contemporânea uma grande parte dos indivíduos enfatizam as relações profissionais, boa remuneração, autonomia financeira e liberdade de expressão. Surgiu à cultura digital que trouxe a expansão da internet, e com isso, das redes sociais, das amizades online, dos relacionamentos à distância, das tecnologias móveis, do uso do *smartphone*, entre outros. Tudo isso, pode acarretar em indivíduos voláteis e instáveis, fazendo com que as relações possam ser balizadas pela mútua satisfação, e quando essa satisfação acaba a relação pode ser terminada a qualquer momento.

Bauman (2004) diz que esse novo tipo de relacionamento chama-se “amor líquido”, o qual representa a fragilidade dos laços humanos e uma série de artimanhas que indivíduos engendram para substituí-lo, sendo resultado da modernidade líquida ou pós-moderna, onde o mundo está cada vez mais fragmentado, os sujeitos mais confusos consigo, com o espaço que ocupam e com o tempo que os rodeiam. Essa nova realidade tem afetado diretamente o cotidiano das pessoas, trazendo interferências negativas, em especial, nos relacionamentos.

Com isso, as relações amorosas na atualidade são marcadas por prazeres momentâneos, e relacionamentos de curto prazo. Esta é uma realidade do mundo contemporâneo na qual os casais sofrem de certa forma por um desejo "latente", onde procuram resgatar o verdadeiro amor romântico (BAUMAN, 2004). "É bem assim em uma

cultura consumista como a que vivemos que favorece o produto pronto para o uso imediato, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, garantias de seguro total e devolução do dinheiro" (BAUMAN, 2004, p. 21).

Segundo Tavares (2014) no Brasil, em relatório divulgado no final de 2013, o IBGE alerta para o fato de que as novas uniões têm durado cada vez menos tempo. A taxa de divórcio em 2012, embora menor que a de casamento, foi a maior desde 2002. Parece que o desejo do amor romântico, da relação de cumplicidade e confiança, do compromisso a longo prazo continua existindo, porém a continuidade das relações afetivas se torna cada vez mais difícil.

Mas então o que pode estar dificultando a continuidade das relações afetivas no mundo contemporâneo? Para Costa (1998), o casal muitas vezes prefere a solidão a todas as coisas que atrapalham e impedem a liberdade, que abrange a espontaneidade de amar. Em consequência as pessoas preferem às relações frouxas, com certas tranquilidades, mornas, e renúncias de suas paixões. Talvez porque sejam relações que não comprometem um amor que seja verdadeiro, mas um simples relacionar-se. Já Bauman (2004, p.12) relata que “no mundo contemporâneo talvez seja por isso que as pessoas em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como relacionar-se e relacionamentos, elas falam cada vez mais em conexões, ou conectar-se e ser conectado. Com isso, em vez de parceiros, preferem falar em redes”. Nesse contexto, pode-se dizer que a internet assumiu a função de conectar pessoas, formar redes de relacionamentos, cada vez mais flexíveis. Na reflexão de Bauman (2004), fica nítida que a modernidade líquida criou uma nova fase nos relacionamentos, deixando-os mais fragilizados e desumanizados.

Para Peleg (2008, p. 388) apud Roberts; David (2014) “um relacionamento e / ou satisfação conjugal pode ser melhor entendido como o grau em que cônjuges percebem que os seus parceiros satisfazem suas necessidades e desejos. Os autores perceberem que ocorreu um aumento significativo do uso de celulares para a comunicação entre parceiros românticos, e com isso, resolveram realizar um estudo sobre o processo pelo qual tal utilização pode influenciar a satisfação do relacionamento e bem-estar pessoal.

Diversos autores relatam que para uma relação ser mutuamente satisfatória, cada parceiro deve estar presente na vida do outro (Roberts e David, 2014 apud Chesley, 2005; Siegel, 2010; Leggett e Rossouw, 2014). Não é o suficiente ser meramente presente, mas deve haver uma conexão entre parceiros. A satisfação é um processo de permanecer aberto e focado no outro, sem distração externa ou interna, pois, parceiros românticos sentem-se ligados quando eles estão presentes para o outro. As distrações causadas por telefones celulares poderiam minar a satisfação com o relacionamento, e por consequência, as necessidades humanas básicas para o controle e apego podem estar em risco quando acontece sentimentos individuais, que o seu parceiro não está presente na relação, pois, encontra-se distraído. Essa ideia dos autores de se encontrar distraídos com o telefone, o que pode afetar a satisfação no relacionamento, traz a menção de *Partner Phubbing*, ou seja, maneira de ignorar as pessoas dando mais atenção ao telefone do que a elas.

2.3 PARTNER PHUBBING: O IMPACTO NEGATIVO DO USO DO SMARTPHONE NOS RELACIONAMENTOS

Para Picon (2016) a dependência de *smartphones*, da mesma forma que outras dependências comportamentais, caracteriza-se pela dificuldade da pessoa ficar longe de seu dispositivo, apresentar ansiedade, irritabilidade ou tristeza intensa ao ficar sem ele, não conseguir controlar seu tempo de uso, necessitando utilizar cada vez mais seu aparelho, começar a ter prejuízos em diversas áreas da vida. O autor cita que um bom exemplo é o prejuízo do desempenho no trabalho, perda ou piora no relacionamento com amigos e família,

prejuízo no relacionamento conjugal, prejuízo acadêmico/escolar, e manter seu uso excessivo apesar de perceber os prejuízos que já vem tendo.

Uma das causas da dependência é quando ocorre a perda ou prejuízo no relacionamento romântico. Para esse tipo de dependência já se costuma falar do termo *Partner Phubbing*. Esse termo *Phubbing* tornou-se muito popular na Austrália e no Reino Unido há alguns anos, pouco depois de um grupo da Universidade de Sydney criar uma campanha conhecida como “*stop phubbing*”, onde tentaram chamar a atenção das pessoas para esse comportamento que, em outros tempos, seria chamado simplesmente de “falta de educação” (NABUCO, 2013). A palavra vem da junção das palavras *snubbing* (esnober) e *phone* (telefone) para descrever a ato de ignorar alguém utilizando aparelhos celulares (TUDO CELULAR, 2015). Então, *Phubbing* pode ser descrito como um indivíduo olhando para o telefone celular durante uma conversa com outras pessoas, lidando com o telefone celular e escapando da comunicação interpessoal (KARADAG et. al., 2015).

Algumas pesquisas sobre o tema já realizadas (BERANUY et. al. (2009), LEPP; BARKLEY; KARPINSKI, (2014); GENTILE; COYNE; BRICOLO (2012), HARWOOD; DOOLEY, SCOTT; JOINER (2014); COYNE et. al. (2011); LENHART e DUGGAN (2014); COYNE et. al. (2012), comprovam que não é o tempo gasto com as tecnologias que causam impactos na satisfação dos relacionamentos, mas o conflito criado através da utilização dessa, como também, que o uso de telefone celular e mensagens de texto podem aumentar o estresse e o apego prejudicial aumentando sintomas de depressão.

Wang et al. (2017) também investigaram os efeitos indiretos de se desprezar o parceiro para utilizar o celular, o que isso impacta na depressão, na satisfação com o relacionamento e o papel moderador de comprimento relação. No estudo duzentos e quarenta e três casais adultos chineses participaram da coleta de dados. Os resultados indicaram que *phubbing* praticado no relacionamento afetivo tem um efeito negativo na satisfação do relacionamento, e a satisfação com o relacionamento teve um efeito negativo sobre a depressão. Ou seja, o ato de ignorar o parceiro (*phubbing*) tem impacto indiretamente positivo sobre a depressão através da satisfação com o relacionamento, e efeito esta indiretamente associado entre casados com mais de sete anos de relação. Os resultados indicam que praticar o *phubbing* com o parceiro é um fator de risco significativo para a depressão entre casais com mais de sete anos de relacionamento.

Em 2014, os autores Robert e David baseados em estudos anteriores, realizaram um estudo para saber como a tecnologia afeta os relacionamentos. Para isso, validaram um instrumento de pesquisa sobre o assunto *Pphubbing*. Outras questões no estudo desses autores foram abordadas, como: investigar como *Pphubbing* afeta relacionamentos românticos, verificar o impacto do uso do telefone celular em relação a satisfação romântica, e realizar a comparação sobre a potencial regra de mediador de células conflito telefone na ligação *Pphubbing* e satisfação com o relacionamento (ROBERT e DAVID, 2014).

Em seus estudos Robert e David (2014) relatam que setenta por cento de uma amostra de 143 mulheres, envolvidas em relacionamentos românticos, informaram que os telefones celulares “às vezes”, “frequentemente”, “muito frequentemente” ou “o tempo todo” interferiu em suas interações com seus parceiros. Isso demonstra um impacto negativo na relação afetiva entre casais. Com isso, torna-se visível que o *Partner Phubbing* é um tema da atualidade e pode ser usado para examinar o impacto na satisfação da vida romântica de um casal. As distrações causadas por *Pphubbing* poderia minar a satisfação com o relacionamento. Os parceiros podem estar fisicamente em conjunto, mas não totalmente presente para o outro, percebem os autores (ROBERT e DAVID, 2014). A dependência de *smartphone*, seja para internet, jogos, entre outros, pode implicar no *Pphubbing*, e isso faz com que as pessoas fiquem em uma espécie de transe na frente de seus *telefones*, totalmente conectados no mundo virtual, ignorando o que se passa em seu entorno, nesse caso o parceiro

romântico (NABUCO, 2013). Para Chotpitayasunondh e Douglas (2016) pouco se sabe sobre o que causa o comportamento *phubbing* e como ele se tornou uma característica aceitável de comunicação. Um “*phubber*” pode ser definido como uma pessoa que começa a esnober alguém em uma situação social, prestando atenção no aparelho ao invés da pessoa, e um “*phubbee*” pode ser definido como uma pessoa que é ignorada pelo seu companheiro em uma situação social porque o mesmo usa ou verifica o *smartphone*. Embora os investigadores começaram a considerar algumas das consequências problemáticas de usar *smartphones* como “*phubbing*”, como consequências negativas para a satisfação com o relacionamento e bem-estar pessoal, pouco se sabe sobre o que provoca *phubbing*, e como isso se tornou uma característica generalizada de comunicação moderna (CHOTPITAYASUNONDH e DOUGLAS, 2016).

3 CONSTRUINDO O CAMPO DE ESTUDO

O estudo busca oferecer uma visão sobre o processo pelo qual a utilização do *smartphone* pode influenciar a satisfação do relacionamento romântico e bem-estar pessoal de seus usuários. Para tal, foi escolhido a técnica bola de neve, para a realização das entrevistas e observações diretas. Segundo Baldin; Munhoz (2011) essa técnica é uma forma de amostra não probabilística realizada em pesquisas sociais, em que os primeiros participantes do estudo indicam outros, que consequentemente, indicarão outros e assim sucessivamente, até o objetivo ser alcançado a ponto de saturação.

O objetivo geral do trabalho foi analisar quais os efeitos do *Partner Phubbing* no relacionamento romântico. Por ser um tipo de pesquisa imprevisível, que busca explicar os efeitos do ocorrido, exprimindo o que convém a ser feito, utilizou-se a abordagem qualitativa (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista que Martins (2008, p. 27) explica como “uma técnica para entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações”. O número de entrevistas foi construído de acordo com a análise e interpretação dos resultados das mesmas, estes que foram contrastados com os resultados das observações diretas, e assim, foi possível realizar a triangulação dos dados.

Nas entrevistas realizadas, o pesquisador utilizou-se da técnica de observação direta, que consiste na observação espontânea do entrevistador aos fatos que ocorrem (GIL, 2012). Durante as inserções em campo, as falas dos entrevistados foram gravadas e posteriormente transcritas. Todas as observações foram anotadas ainda em campo em um caderno de campo.

Para a coleta de dados por meio de entrevistas, foi construído um roteiro estruturado em três blocos: (1) perfil do cônjuge, (2) dependência de *smartphone*, e (3) *partner phubbing*. O primeiro bloco buscou identificar o perfil dos casais quanto às práticas do uso do *smartphone* na presença do companheiro. No segundo bloco, para investigar a dependência de *smartphone*, adaptou-se de forma qualitativa as questões da Escala de Vício no *Smartphone* (SAS – *Smartphone Addiction Scale* de Kwon et. al. (2013), um questionário composto por 33 questões com pontuação individual de 1 a 6, onde 1 equivale a “discordo totalmente” e 6 equivale a “concordo totalmente”. Por fim, procurando verificar os efeitos do *partner phubbing* no relacionamento afetivo, adaptou-se a Escala de *Partner Phubbing* de Roberts; David (2016) o que veio a propiciar a construção de perguntas para o roteiro da entrevista.

O primeiro questionário possuía 16 questões que abrangeu o bloco 1 - perfil do cônjuge e o bloco 3 - *partner phubbing*. Esse foi aplicado ao parceiro (a) romântico (a) que se sentia prejudicado pelo uso do *smartphone* pelo (a) companheiro (a), ou seja chamado aqui de “Cônjuge Afetado”. O segundo questionário com 9 perguntas, referentes ao bloco 2 - dependência de *smartphone* - pelo o (a) parceiro (a) romântico ao utilizar o aparelho, foi aplicado a pessoa que seria a que “poderia prejudicar” seu companheiro (a) ou o relacionamento por utilizar o *smartphone*, nesse estudo chamado (a) de “Cônjuge afetante”.

Para a análise dos dados foi atribuída uma letra maiúscula para a pessoa que se sente prejudicado (a) pelo (a) parceiro (a) ao utilizar o celular, “cônjuge afetado”, como forma de identificação da pessoa na entrevista. Assim, zela-se pelo sigilo da mesma, como exemplo: EA (é a entrevistada Marina), e para seu companheiro (a), ou seja, o “cônjuge afetante”, foi dada a mesma letra, porém acompanhada de um número, exemplo EA1 (entrevistado João). Assim, pode-se analisar os relatos e experiências de casais em relação ao uso do *smartphone* na relação afetiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através da técnica bola de neve pode-se entrevistar nove casais, sendo oito desses heterossexuais e um casal homossexual. A primeira parte dos roteiros de entrevistas se referia à identificação dos entrevistados. Com isso, em relação à idade desses, pode-se perceber que suas faixas etárias variam de 20 a 47 anos, casais relativamente jovens. Cinco casais já possuem filhos, sendo um casal com um filho, três casais com dois filhos e um casal com três filhos. Em relação ao nível de escolaridade três pessoas possuem o nível médio, sendo as quatorzes restantes com nível superior incompleto, superior completo, especialistas, mestres e doutores, onde suas rendas variam de zero a doze mil e quinhentos reais. Já o tempo de relação afetiva dos casais variou de dois a onze anos.

Todos os casais possuem uma relação efetiva, e abaixo os pesquisadores explanam os relatos e experiências dessas relações amorosas, quando um possível “intruso” começa a fazer parte da relação.

4.1. “CÔNJUGE AFETADO” PELO *PATNER PHUBBING*

O roteiro de entrevistas 1, possuía 16 questões que eram referentes ao bloco 3 – *Partner Phubbing* e ao bloco 1 – perfil dos entrevistados (as). As cinco primeiras questões se referiam à idade dos (as) companheiros (as), a profissão de cada membro do relacionamento, tempo de relacionamento e tempo que os cônjuges possuem celular. Esses dois blocos eram para traçar o perfil dos casais, bem como para descobrir se ocorre o ato de ignorar o parceiro (a) romântico (a) – *Patner Phubbing* - para utilizar o *smartphone*.

A maior parte dos cônjuges que se acham afetados, ou seja, ignorados por seus (as) parceiros (a) quando esses utilizam o *smartphone*, relatam que não sentem ciúmes dos aparelhos de seus cônjuges, porque quando se conheceram eles (elas) já o possuíam, sendo que sempre foram muitos (as) ligados. No entanto agora, por ser um telefone inteligente, eles utilizam-no com maior frequência, para jogar, acessar as redes sociais, ver notícias, entre outros. Algumas falas dos entrevistados comprovam o descrito. O entrevistado (EH) revelou que:

“Minha companheira sempre deu importância para o celular, porém, quando nos conhecemos, há mais de 10 anos tudo era novo, não tinha esses telefones inteligentes, então, ela tirava uma foto que outra, porque a câmara do celular era ruim, e utilizava para ligar e mandar mensagens. Nosso relacionamento era mais caloroso”.

Outros entrevistados (as) salientaram que o (a) companheiro (a) “Dava importância para o telefone, mas não tanto. Sinto-me um trouxa de ter dado o *smartphone* a ele...risos” (EG). Da mesma forma, explanam que (EF) “não é ciúmes do *smartphone*, mas sim, quando ele deixa de me dar atenção para ficar no telefone” (EF). “Eu sinto ciúmes do tempo que ele gasta na atividade, pois poderíamos estar compartilhando momentos, olhando um filme, por exemplo” (EE).

Pode até não ser ciúmes do dispositivo, porém, constatou-se que a maioria dos respondentes já pediram para seus (suas) companheiros (as) largarem o telefone quando estão em suas presenças, o que demonstra que já se sentiram incomodados (as) de alguma maneira. Com isso, mais da metade dos mesmos, relataram que já começaram discussões por causa do

aparelho do parceiro (a), que querem ver o que o (a) mesmo (a) está acessando, sentem-se insatisfeitos, isolados, deprimidos ou ansiosos com a situação. Em um dos questionamentos todos (as) acreditam que utilizar o telefone e ignorar a outra pessoa é uma falta de educação e isso os (as) deixam inquietos (as). Além disso, quase a metade dos respondentes se sentem impotentes perante essas ocorrências, como também, a maioria confessou que quando estão conversando com o (a) companheiro (a) este nem sequer larga o telefone, e isso gera diferentes sensações, como explanam: “As vezes eu quero conversar com ele, mas ele está falando com alguém e não me dá atenção” (EE). “Às vezes eu me irrita bastante” (EF). “...O que mais me incomoda é quando ele olha o facebook e tem algo interessante, ele fica vidrado” (EG). “Ele sempre mexe no telefone, ao mesmo tempo em que me responde, nunca deixa de mexer” (EB).

Mesmo quando os (as) parceiros (as) estão conversando e não há o *smartphone* atrapalhando a conversa, quando ocorre uma pausa na mesma, todos relataram que seus pares vão acessar o dispositivo, fazendo com que isso gere um acúmulo de sensações, conforme o transcrito: “Eu falo que eu deveria ser mais importante” (EA). “Fico chateado e penso que vai ter volta” (EC). “Sinto raiva e me dá vontade de jogar na cara dele” (EF). “A maior parte das vezes falo: de novo esse celular!” (EE). “Sinto uma tristeza, frustração. Tenho vontade de quebrar o telefone...tenho um sentimento de impotência por não ter o que fazer e por não poder competir com o *smartphone*” (EB).

O telefone além de aparecer nas conversas dos casais, também compareceu durante as refeições, pois, a maior parte dos questionados disseram que o aparelho fica perto de seus pares durante as refeições, como destacam: “Em cima da mesa, ao lado dele” (EF). “Sempre por perto, onde ele escute, mas o meu também está sempre perto” (EB). Outro respondente ainda menciona, “O pior é o silêncio, só eu falo e se questiono algo, ele fica ham?” (EG).

Além disso, o dispositivo está presente nos momentos de lazer dos casais, pois a maior parte dos entrevistados relatam que seus parceiros (as) realizam transações com o telefone, conforme referenciam: “Utiliza para verificar e-mail, conversar com os amigos, principalmente” (EI). “Mexe nas mensagens instantâneas, whats, face e tira muitas fotos de nossos filhos” (EC). “Mexe em canais de futebol, olha vídeos, seriados...isso ocorre nos momentos de lazer e quase sempre” (EF). “Como não tem mais whats e face, porque apagou depois de nós discutimos, ele lê e-mail, joga jogos de futebol, verifica grupos de times e ainda comenta” (EB). De acordo com algumas falas, verificou-se que alguns dos parceiros acham que ficam de lado por causa do uso excessivo do *smartphone* por seu (sua) companheiro (a).

Acredita-se que alguns dos (as) entrevistados (as) já estão se sentindo incomodados pelo uso excessivo do dispositivo por seu (sua) parceiro (a) romântico (a). Bauman (2004) diz que o “amor líquido” traz a fragilidade dos laços humanos e uma série de artimanhas que indivíduos engendram para substituí-lo. Essa realidade afeta o cotidiano das pessoas, trazendo inferências negativas. Observou-se que o *smartphone* é uma realidade na vida dos casais, e que parceiros românticos estão se sentindo estressados pela utilização excessiva de seu(ua) companheiro(a). Isso já pode estar causando inferências negativas nos relacionamentos, à medida que, identificou-se na análise dos dados dessa pesquisa que alguns casais já discutiram pelo uso excessivo do telefone por uma das partes. Bauman (2004) ainda coloca os prazeres momentâneos, no qual, os casais sofrem, de certa forma, por um desejo latente. Então, nesse contexto, pode-se classificar o *smartphone* como o prazer momentâneo presente na vida de um dos cônjuges, o que é comprovado por trechos das transcrições das entrevistas, onde se averiguou que alguns parceiros (as) românticos (as) deixam de prestar atenção no(a) companheiro(a) para ficar verificando o celular, que gera prazer ao mesmo, bem como reflete Bauman (2004) quando diz que, a modernidade líquida criou uma nova fase nos relacionamentos, deixando-os mais fragilizados e desumanizados.

Com isso, todas essas questões podem interferir na satisfação entre os pares. Para uma relação ser mutuamente satisfatória, cada parceiro deve estar presente na vida do outro e deve haver uma conexão entre parceiros (CHESLEY, 2005; SIEGEL, 2010; LEGGETT & ROSSOUW, 2014 APUD ROBERTS; DAVID, 2014). No entanto, pode-se analisar com o estudo que os parceiros românticos estão fisicamente presentes na relação, mas a conexão entre eles se afeta quando um deles utiliza o *smartphone*, para ter o seu prazer momentâneo (BAUMANN, 2004). Para Roberts; David (2014) a satisfação em um relacionamento é entendida em como os parceiros satisfazem as suas necessidades e desejos, sendo um processo de permanecer aberto e focado no outro, sem distração externo ou interna. Entretanto, alguns casais respondentes dessa pesquisa, utilizam o celular como uma distração, deixando de focar o (a) companheiro (a) em suas simples necessidades, um exemplo é o casal conversar, como pode ser observado em relatos acima, ou ainda: (EH) “Ele (a) me deixa de lado pelo telefone...Além disso, deixa de ir dormir comigo para ficar jogando”. (EE) “Deixa de aproveitar alguns momentos que poderíamos aproveitar, até com nosso filho”. Assim, essas distrações por causa do uso excessivo do *smartphone* pode interferir na satisfação conjugal e por consequência o (a) parceiro (a) pode se sentir ignorado (a), ocorrendo o *Partner Phubbing*.

O *Partner Phubbing* está presente quando uma pessoa ignora o que se passa em seu entorno (NABUCO, 2013). Nesse caso o (a) companheiro (a). Observou-se durante o estudo que com quase a totalidade dos (as) entrevistados (as) desse bloco já ocorreu o “*phubee*”, que é quando uma pessoa é ignorada pelo seu companheiro (a) em uma situação social porque o mesmo usa ou verifica o *smartphone*. Isso se confirma na medida em que, a maior parte dos respondentes já começaram uma discussão pelo uso do aparelho.

A situação é uma realidade que está presente na vida dos casais. Na pesquisa alguns relatam sentimentos de indignação, frustração, tristeza, ansiedade, raiva, insatisfação, entre outros em relação ao companheiro (a) romântico (a) e a seu telefone. Alguns (mas) dos (as) respondentes desse bloco, encheram os olhos de lágrimas e outros (as) até choraram em responder aos questionamentos. Comprovou-se que esses sentimentos são causados pelo mau uso da tecnologia por uma das partes do relacionamento afetivo e que isso, pode trazer implicações negativas na satisfação do relacionamento.

3.2 “CÔNJUGE AFETANTE”

O roteiro de entrevista 2 foi utilizado para responder o bloco 2 – dependência do *smartphone*. Esse bloco foi respondido pelo (a) parceiro (a) afetivo (a) de todos (as) entrevistados (as) do 1º roteiro de entrevistas. A partir disso, buscou-se verificar se ocorre a dependência dos (as) entrevistados (as) em relação ao telefone inteligente, essa que se refere a um transtorno caracterizado pela inabilidade de controlar o uso de tecnologia, como internet, jogos, *smartphones*, mesmo que isso já esteja causando impacto negativo nas principais áreas da vida do indivíduo, relacionamentos interpessoais, saúde física, desempenho acadêmico, desempenho no trabalho (PICON, 2015).

Através da entrevista, verificou-se que a maior parte dos respondentes já não conseguiriam viver sem o *smartphone*, pois relatam que ele possui diversas funcionalidades que facilitam o cotidiano, e também que se sentem calmos(as), animados(as) e o estresse alivia quando acessam o aparelho. Nas redes sociais a maioria dos (as) respondentes já estão conectados (as) logo após que acordam, sendo que até no banheiro levam o telefone.

Alguns (mas) ainda contaram que gostam de utilizar o dispositivo, mesmo o (a) companheiro (a) pedindo para parar de utilizar ou para mexer menos, eles continuam mexendo, como relatam: “Me senti como se fosse um pai chamando a atenção de um filho” (EH1). “Fico brabo e acho injusto, acusar que eu uso o celular mais que utilizo. Em uma roda de amizades eu não posso olhar meu telefone, mas ela pode” (EE1). “Continuo usando,

porque me sinto normal” (EC1). “Me sinto chateado” (EB1). No entanto, a minoria dos entrevistados (as) confirmaram que já pensaram em diminuir o tempo de uso do aparelho, visando: “Ter uma maior qualidade de vida, porque às vezes tu fica olhando algo no telefone e não interage com as outras pessoas” (EB1). “Prejudica tudo, o relacionamento e a vida... Às vezes pego o telefone para ver se tem alguma mensagem para responder, ali fico e quando vejo já passou horas” (EH1).

Menos da metade conseguiram ter consciência que o uso do aparelho pode afetar as suas relações, e assim, tentam diminuir o uso, para que seus relacionamentos sejam saudáveis, sem brigas e discussões. Conforme relata: “Senti como um pedido passível de ser atendido e de fato foi o que acabei fazendo, procuro não utilizar quando estamos juntos ou no caso de utilizar, faço para buscas rápidas ou no caso de ele estar usando o dele acabo usando também o meu” (EF1). “Percebi que estava realmente exagerando no uso do *smartphone*” (EA1). No entanto, a maior parte dos (as) respondentes não enxergaram ainda, o apelo do (a) cônjuge para que esses passem a utilizar menos o dispositivo.

Através da análise baseada e adaptada do questionário Escala de Vício no *Smartphone* (SAS – *Smartphone Addiction Scale* de Kwon et al (2013), foi possível identificar que um (a) dos (as) entrevistados (as) é viciado(a) no aparelho e que isso já começou a trazer implicações negativas em sua vida conjugal e física. O (a) mesmo (a) relatou sentir falta de sono, confiança, liberdade, diversão, entre outros, expressando quase a totalidade de sensações que um dependente pode ter no questionário Escala de Vício do *Smartphone*. Seu (sua) companheiro (a) está totalmente irritado (a), chateado (a), ansioso (a), estressado (a) com a situação, isso pode ser percebido através das observações e entrevistas. Outros (as) entrevistados (as) ainda não possuem dependência da tecnologia, e sim indícios de dependência, já que apresentam alguns sintomas e não estão sabendo administrar o tempo que utilizam o dispositivo, deixando-se envolver além da conta, sem estabelecer limites (De Aragão, 2015). Esses sintomas ao utilizar o *smartphone* são caracterizados como: tontura, visão turva, cansaço, falta de sono, estresse, calmaria, confiança, animação, diversão, liberdade, preenchimento da vida, prisão, entre outros.

Quando os *smartphones* se tornam um vício ou uma dependência e prejudica a realização de atividades cotidianas das pessoas, de modo a interferir nas relações sociais e familiares, no trabalho e nos estudos, já é possível classificar essa dependência como um transtorno, com nome de nomofobia (DE ARAGÃO, 2015).

Fortim; De Araújo (2013) dizem que existem consequências negativas causadas pela dependência da tecnologia, sendo relacionadas a prejuízos no trabalho, prejuízos financeiros, descuido consigo mesmo e com dependentes, descuido de relacionamentos familiares, tais como o casamento, relação entre pais e filhos, relacionamentos com amigos que não os virtuais. Nesse estudo pode-se perceber, de acordo com as questões adaptadas do questionário Escala de Vício no *Smartphone* (SAS – *Smartphone Addiction Scale* de Kwon et al (2013) utilizadas para o roteiro da entrevista aos cônjuges afetantes, o início da dependência emocional do *smartphone* por uma das partes dos relacionamentos e que isso já está causando implicações negativas no relacionamento romântico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou identificar se o uso do *smartphone* perto do parceiro (a) romântico (a) pode influenciar a satisfação do relacionamento e bem-estar pessoal de seus usuários, tendo como objetivo geral verificar de que maneira o uso do *smartphone* próximo ao companheiro (a) pode influenciar negativamente no relacionamento romântico. Para se chegar ao proposto identificou-se o perfil dos casais; investigou-se a ocorrência da dependência em relação ao aparelho, o que verificou que os “cônjuges afetantes” são propensos a essa

dependência, sendo que um já se pode ser considerado viciado no uso, e; analisaram-se quais são os efeitos gerados pelo ato de *partner phubbing* no relacionamento afetivo.

Percebeu-se que apesar dos relacionamentos serem jovens, pois os casais que responderam as questões possuem no máximo 11 anos de relação, já ocorreu e em alguns ainda ocorrem a prática do *Partner Phubbing*. Tal prática já traz implicações para o “cônjuge que se diz ser o afetado”, sendo que demonstram irritabilidade, ansiedade, frustração, entre outros sentimentos, e conseqüentemente, isso já afeta a satisfação do relacionamento de forma negativa.

O estudo contribuiu na prática, pois foi possível entender que a tecnologia pode também ser utilizada para afetar de maneira negativa a vida das pessoas, na medida em que se perde o controle da administração de seu uso, nesse caso se pratica *Phubbing* e a dependência do uso do *smartphone*. Isso já pode ser considerado um vício ou dependência, como ocorre com drogas e álcool, por exemplo.

O assunto é relevante, porque não há publicações sobre o tema no Brasil, além de estar presente no cotidiano dos indivíduos, sendo um assunto que instiga os pesquisadores e leitores, por ser uma área de grande abrangência. Outros estudos podem ser realizados, pois, de acordo com as pesquisas publicadas utilizar o *smartphone* pode trazer diversas implicações, tanto positivas, como negativas na vida das pessoas.

Com isso, algumas pesquisas podem ser desenvolvidas através dessa, tanto qualitativas, como quantitativas. Uma maneira é formular hipóteses que envolvam variáveis, como: a escolaridade, a renda, a idade da pessoa, o tempo de relacionamento. Essas hipóteses podem ser levantadas e pesquisadas para saber se as mesmas podem afetar o relacionamento romântico, trazendo o *Partner Phubbing*, ou ainda, pode ser uma consequência da dependência do *smartphone*?

Apesar das limitações do estudo, como certa intimidação dos respondentes e dificuldades de encontrar pessoas que relatassem uma parte de suas relações, mesmo sendo com a técnica bola de neve, porque os questionamentos trazem diversos tipos de sentimentos; pode-se dizer que o objetivo do estudo foi alcançado e que a pesquisa pode instigar a motivação de estudantes para outros estudos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

A. Herrington. *Using a Smartphone to create digital teaching episodes as resources in adult education*. University of Wollongong. Research Online. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/edupapers/78/>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

ABREU, C. N. de et. al. Dependência de internet e jogos eletrônicos: Uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 30, n. 2, p. 156-167, 2008.

ADNEWS (2014). **Pesquisa revela dados sobre o uso de smartphones**. Disponível em: <<http://www.adnews.com.br/tecnologia/pesquisarevela-dados-sobre-o-uso-de-smartphones>>. 2014. Acesso em: 07 jul. 2016.

AZEVEDO, J. C; NASCIMENTO, G. do; SOUZA, C. H. M. de. Ciberdependência: O papel das emoções na dependência de tecnologias digitais. **Revista Texto Livre**, V. 7, n. 2, 2014.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. Bagatin. **Snowball (bola de neve):** uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação - Educere. Curitiba, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BORGES. Ana Paula. JOIA. Luis Antônio. **Executivos e Smartphones:** uma relação ambígua e paradoxal. *Revista O&S*, Salvador, v.20 - n.67, p. 585-602 - Novembro/Dezembro – 2013.

BOULOS et. al. **How smartphones are changing the face of mobile and participatory healthcare: an overview, with example from eCAALYX.** Licensee BioMed Central Ltd.2011. Disponível em: <<https://biomedical-engineering-online.biomedcentral.com/articles/10.1186/1475-925X-10-24>>. Acesso em: 07. jul. 2016.

BRAZIER, Y. **Distração Smartphone pode arruinar um relacionamento.** Medical News Today, 2015. Disponível em: <<http://www.medicalnewstoday.com/articles/300435.php>>. Acesso 17 jun. 2016.

BUSSEL, R.K. **Meu iPhone está arruinando minha vida: Eu sou culpado de "phubbing" meu parceiro, e eu não posso desconectar.** Dados extraídos do site: <http://www.salon.com/2015/10/05/my_iphone_is_ruining_my_life_im_guilty_of_phubbing_my_partner_and_i_cant_unplug/>. Acesso em: 18 set. 2016.

CAMPANELLA, M. et al. Prevalence of internet addiction: a pilot study in a group of Italian High-School Students. **Clinical Neuropsychiatry** (2015)12, 4, 90-93.

CAPELAS, Bruno. Até o fim de 2017 Brasil terá um smartphone por habitante. Abr. 2017. Dados extraídos: <http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407>. Acesso em: 16 jul. 2017

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do conhecimento a política.** Disponível: <<http://www.cidadeimaginaria.org/cc/ManuelCastells.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

CERON et. al. A mobile system for sedentary behaviors classification baseado on accelerometer and location data. **Computers in Industry.** November 2017, Vol.92-93, pp.25-31.

CHOI, S-W. et al. Comparasion of risk and protective factors associated with smartphone addiction and internet addiction. **Journal of Behavioral Addictions** 4(4), pp. 308-314 (2015).

CHOTPITAYASUNONDH, V.; DOUGLAS, K.M. *How "phubbing" becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone.* **Computers in Human Behavior** 63 (2016) 9 e 18.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico.** Rio de janeiro: Rocco, 1998.

DE ARAGÃO, Soraya Rodrigues. **Namofobia: o vício pelo celular.** 2015. Disponível em: <<http://www.psiconline.com/2015/07/nomofobia-o-vicio-pelo-celular.html>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

DIAGN. J. Dual. **How Patients Recovering From Alcoholism Use a Smartphone Intervention.** The online platform for Taylor & Francis Group content. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15504263.2012.723312>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Número de smartphones em uso no Brasil chega a 168 milhões, diz estudo.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1761310-numero-de-smartphones-em-uso-no-brasil-chega-a-168-milhoes-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

FORTIM, Ivelise; DE ARAÚJO, Ceries Alves. Aspectos psicológicos do uso patológico de internet. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.** vol.33 n°.85. São Paulo: dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2013000200007>. Acesso em: 09 jul. 2016.

GANDRA, Alana. Smartphone se consolida como meio preferido de acesso à internet, diz pesquisa. Fev. 2017. Dados extraídos: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/sete-em-cada-dez-brasileiros-acessam-internet-e-elevam-uso-de-smartphone>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

GAZETA DO POVO. Número de “viciados em Smartphones” aumenta 123% e chega a 176 milhões de pessoas no mundo. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/numero-de-viciados-em-smartphones-aumenta-123-e-chega-a-176-milhoes-de-pessoas-no-mundo-earau6z91zzqycbbequiui13ri>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIARDELLI, Gil. **Você é o que você compartilha**. São Paulo: Editora Gente, 2012.

HAUG, S. et al. Smartphone use and smartphone addiction among young people in Switzerland. **Journal of Behavioral Addictions** 4(4), pp. 299–307 (2015).

IBOPE. **33% dos donos de Smartphones em São Paulo usam o aparelho assim que acordam**. 2013. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/33-dos-donos-de-smartphones-em-sao-paulo-usam-o-aparelho-assim-que-acordam/>> Acesso em: 28 jun. 2016.

IDC ANALYZE THE FUTURE. **O mercado brasileiro de celulares voltou a crescer: IDC**. 2016. Disponível em: <<http://br.idclatin.com/releases/news.aspx?id=2083>> Acesso em: 15 out. 2016.

IMBELLONI; Michelli; SCHMITT, Sabine. Relações Amorosas na Sociedade Contemporânea. **Psicologia, PT. O Portal do Psicólogos**. Documento produzido em 2011. Dados extraídos: <www.psicologia.pt>. Acesso em: 29 jun. 2016.

International Data Corporation – IDC. IDC Brasil prevê retomada de projetos em 2017 e crescimento de cerca de 2,5% para o mercado de TIC. Jan. 2017. Dados Extraídos: <http://br.idclatin.com/releases/news.aspx?id=2129>. Acesso em: 06 jul. 2017.

JOHNSON, Leiden. **Advantages of Using Smartphones in Your Business**. Business 2 Community. Disponível em: <<http://www.business2community.com/tech-gadgets/advantages-of-using-smartphones-in-your-business-0375741#dP9iKD1tfkQujx6B.97>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

KARADAG et. al. Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. **Journal of Behavioral Addictions** 4(2). PP. 60-74 (2015). First published online May, 2015.

KIM, M. et al. Smartphone Addiction: (Focused Depression, Aggression and Impulsion) among College Students. **Indian Journal of Science and Technology**, Vol 8(25), IPL0428, October 2015

KWON M. et al. Development and Validation of a Smartphone Addiction Scale (SAS). **Plos One**, V. 8, n. 2, 2013.

KWON M. et al. The Smartphone Addiction Scale: Development and Validation of a Short Version for Adolescents. **Plos One**, V. 8, n. 12, 2013.

LEE, W-J. An Exploratory Study on Addictive Use of Smartphone : Developing SAUS (Smartphone Addictive Use Scale). **Journal of Convergence Information Technology**(JCIT), Vol. 8, nº 12, July 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NABUCO, C. **Phubbing: a tecnologia acabando com o diálogo**. Dados extraídos: <<http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2013/08/21/phubbing-a-tecnologia-acabando-com-o-dialogo/>>. Acesso em: 3 out. 2016.

PICON, Felipe Almeida. **Dependências de Smartphones**: implicações clínicas. 29 fev 2016. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/9799_DEPENDENCIA+DE+SMARTPHONES>. Acesso em: 09 jul. 2016.

PICON, Felipe Almeida. et al. Precisamos falar sobre tecnologia: Caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, V. 17, n. 2, p. 44-60, 2015.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Ed. Universidade Feevale, 2013.

TUDO CELULAR. **Relacionamentos românticos estão sob ataque do “phubbing” dizem pesquisadores**. Dados disponível em: <www.tudocelular.com>, 4 set 2015. Acesso em: 18 set. 2016.

ROBERTS. James; DAVID. Meredith. My life has become a major distraction from my cell phone: Partner plubbing and relationship satisfaction among romantic partners. **Computers in Human Behavior** 54 (2016) 134e141. Disponível em: journal homepage <www.elsevier.com/locate/comphumbeh>. Acesso em: 28 jun. 2016.

SHARUPOVÁ, K.; ÓLAFSSON, K.; BLINKA, L. The effect of smartphone use on trends in European adolescents' excessive Internet use. **Behaviour & Information Technology**, 2016. Vol. 35, nº 1, 68–74.

TAVARES. Francine. O Entretenimento e a Multissensorialidade como Moduladores do Amor Contemporâneo. **Anais. VIII Simpósio Nacional da ABCiber - Comunicação e Cultura na Era de Tecnologias Midiáticas Onipresentes e Oniscientes**. ESPM - SP – 3 a 5 de dezembro de 2014.

TURBAN, E., KING, D.D. **Comércio Eletrônico: Estratégia e Gestão** (2004).

WANG et al. Partner phubbing and depression among married Chinese adults: The roles of relationship satisfaction and relationship length. **Personality and Individual Differences** 110 (2017) 12–17. **Computers in Human Behavior**. Journal homepage: www.elsevier.com/locate/comphumbeh www.elsevier.com/locate/paid .